

PONCIÁ VICÊNCIO: RAÇA E IDENTIDADE, UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Ana Ximenes Gomes de Oliveira – PPGL - UFPB

INTRODUÇÃO

Refletir sobre as relações dos indivíduos em sociedade, como se constroem e se reconstroem, a partir das intervenções que o meio provoca é algo que parece ser recorrente, ou pelo menos isento de estranhamento, no mínimo desde o início da era moderna. Muitos estudos se deitam sobre esta temática usando como *corpus* objetos simbólicos e representativos, produzidos dentro de uma determinada comunidade, sejam eles pintura, imagem, escultura, artesanato, literatura, entre outros.

Este artigo faz parte de um trabalho de monografia defendido em 2013 com o objetivo de analisar e discutir a identidade negra, marcada no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, publicado em 2003, assim como a formação da identidade desvinculando-a do papel social que o sujeito tem em sociedade. Na análise deter-me-ei na protagonista do romance e em sua trajetória particular, como movimento diaspórico na esfera social.

O romance *Ponciá Vicêncio* é escrito em terceira pessoa com um narrador que descreve os acontecimentos e sensações a partir da problemática interior da protagonista. As questões simbólicas serão observadas em alusão a um recorte da história social do pós-colonialismo, principalmente latino-americano, sendo produzidas a partir das sensações da personagem com ela mesma, ou a partir do que o narrador observa dela internamente. A narrativa consiste num contexto pós-escravidão, em que o tempo presente está relacionado à primeira geração dos realmente nascidos após a lei da abolição. O pai da protagonista foi um dos filhos do *ventre-livre*, enquanto seu avô viveu boa parte da vida sendo ainda escravo. Depois de crescida, Ponciá sai do campo e segue para viver na cidade, lugar que chega com a esperança de uma vida melhor, menos sofrida e com mais oportunidades. Para se sustentar, começa a trabalhar como doméstica, e com o passar do tempo adquire recursos que a possibilita um retorno ao seu povoado, realizando a mesma viagem de trem em busca da sua mãe e de seu irmão. Chegando ao campo não encontra ninguém de sua família. Seu irmão, após sua saída, seguiu para a cidade, e, posteriormente, sua mãe também parte sem rumo em busca de encontrar seus filhos. Ponciá, mesmo não encontrando sua família, sabe, através da

personagem Nêngua Kainda, que um dia irá encontrá-los e cumprirá a herança deixada por seu avô.

As discussões teóricas sobre África e América Latina, assim como a literatura afro-brasileira, ainda ocupam pouco espaço nos programas das disciplinas de literatura dos cursos de Letras. Por isso, a atenção voltada para esta temática provocou forte interesse de pesquisa e impulsionou um estudo para discutir as configurações de identidades nesse período pós-escravidão, ao mesmo tempo em que desperta questionamentos a respeito de situações análogas na atualidade, com relação ao feminismo, discussões de classes, entre outros.

No enredo, existe a discussão de uma busca de identidade, com as vivências das pessoas de pele negra, mas também, há discussões que envolvem gênero, classe, subjetividade, sistema hierárquico e Estado. O papel social da mulher a partir das práticas sociais, incluindo família, trabalho e comportamento, está entrelaçado com sua identidade de domínio social, aquilo que a constitui subjetivamente em sociedade. Este entrelaçamento, por vezes, causa uma anulação desta subjetividade em função desta atuação padrão no âmbito coletivo.

Identidade e Raça em Anthony Appiah e Franz Fanon

O autor africano Anthony Appiah (1997), em seu livro *Na casa de meu pai*, cita Du Bois, que é um dos maiores nomes nas discussões raciais, e assim apresenta questionamentos acerca de como se caracteriza uma raça, o que a distingue das outras, como podemos enumerá-las e, conseqüentemente, quantas são elas.

Du Bois primeiro desconstrói e nega o conceito científico, biológico, de que existem duas, ou ainda, três, raças distintas, que se baseia em características de cabelo, ossada, cor e genes. Para o autor, há, pelo menos, oito raças ou grupos raciais distintos diferentemente: “eslavos, teutões, ingleses (tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos), negros (da África e, do mesmo modo, da América), a raça românica, os semitas, os hindus e os mongóis” (APPIAH, 1997, p. 54).

Para chegar a este raciocínio Du Bois usou critérios bem diferentes dos científicos, ou melhor, teve como base as referências físicas, porém, transcendeu estas, *infinitamente*, passando de um conceito físico para algo sócio-histórico. Em alguns momentos de sua reflexão Du Bois considera alguns traços biológicos, enquanto em

outros caminha para ultrapassá-los. O que se pode concluir é que tais critérios podem ser considerados apenas como um possível ponto de partida, não mais como um ponto de chegada para construir uma conclusão definitiva referente a um grupo; a partir do biológico deve-se seguir para caminhos mais aprofundados no âmbito sociológico da pesquisa.

Assim, o que vemos com relação às explanações de Du Bois referente à discussão de raça é que seu critério se resume da seguinte forma:

[...] as pessoas são membros da mesma raça quando têm traços em comum, em virtude de haverem descendido basicamente de pessoas de uma mesma região. Esses traços podem ser físicos (donde os afro-americanos serem negros) ou culturais (donde os anglo-americanos serem ingleses). Focalizando-se um único tipo de traço – ‘as diferenças mais grosseiras de cor, cabelos e ossos’ -, chega-se aos ‘brancos e negros, possivelmente à raça amarela’ a ‘última palavra da ciência até agora’. Focalizando-se um traço diferente – a língua ou os costumes comuns -, chega-se aos povos teutônicos, eslavos e românicos. A tensão da definição de raça de Du Bois reflete o fato de que, para fins da historiografia europeia (da qual sua formação em Havard e na universidade de Berlim o havia conscientizado), era este último que importava; mas, para fins da vida social e política norte-americana, era o primeiro (APPIAH, 1997, p. 60).

Ao analisar uma determinada raça, é necessário ter consciência de que traço - seja ele social, biológico, antropológico, político, etc.- deseja-se observá-la, mantendo, ao mesmo tempo, um olhar amplo e abrangente, levando em consideração todas as compilações de critérios que serão relevantes para uma visão crítica, com o intuito de distingui-la a partir de suas diferenças e semelhanças para com os demais grupos raciais.

A construção de uma unidade social e de relações entre os indivíduos é feita a partir de critérios como os impulsos e propósitos em comum, dentro de uma comunidade, que por vezes são aliados à própria biologia. Entretanto, tais critérios não devem proporcionar uma construção hierárquica, pois não apresentam argumentos dotados de valores de superioridade e inferioridade, sendo apenas diferenças distintivas entre si.

Frantz Fanon, autor antilhano, aponta que o ser negro existe a partir de uma relação com o outro, a necessidade de se afirmar e reconhecer surge com a falta de espelho, ou seja, com a relação do negro com o branco: “Enquanto o negro estiver em

casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro.”. (FANON, 2008, p. 103).

É importante destacar a disparidade que há quando se trata da aceitação tanto social quanto individual, do homem de pele branca para o homem de pele negra. O corpo, a pele, causa uma atividade de negação, como coloca Fanon: “O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação” (FANON, 2008, p. 104). Uma fantasia mítica construiu uma formação imagética de que o negro é portador de características que proporcionam medo e repúdio na sociedade (de homens e mulheres de pele branca). Todo esse estranhamento é reconhecido a partir do contato com seu opositor.

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador; percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraíndo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, ao novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. (FANON, 2008, p. 103).

Um encolhimento por parte do negro, que foi oprimido, é “desejado” camufladamente pela sociedade de pele branca, por isso a falta de interesse em absorver tais indivíduos de forma ressignificada. O distanciamento é tão forte que o outro, por ser branco, deixa de ser um espelho enquanto ser humano, anterior à cor da pele ou histórico social. E mesmo que seja repudiada a conduta de revolta de um negro diante dos maus tratos em que sofre, se esta conduta não for exercida haverá um estranhamento.

Fanon coloca no texto a proximidade existente nos grupos sociais que sofrem marginalização diante de uma maioria. Certa vez, seu professor de filosofia disse para ele que “Quando você ouvir falar mal dos judeus, preste bem atenção, estão falando de você” (FANON, 2008, p. 112). Isso pode ser exemplificado quando Ponciá Vicêncio chega à cidade sem dinheiro, sem trabalho, sem casa, sem nada, e se junta a outras pessoas que estão na escadaria da igreja pedindo ajuda. Nesse momento ela é solidariamente recebida por uma mulher que ali dormia e pedia o que comer.

No contexto em que o autor coloca (e principalmente no contexto da protagonista do romance citado) não há espaço aceitável para o negro em sociedade. O homem de pele branca vive mantendo a ideia de que o negro é manchado, é formado

por uma inferioridade que o impede de se igualar enquanto indivíduo atuante. Essa lembrança constante de diferença entre as “duas cores” é mantida irredutivelmente pelo branco, mas nem sempre pelo negro. Na verdade, não parece ser difícil entender uma explicação para tal. Sintetizando, o branco rejeita o negro por ser negro, e o negro pode rejeitar o branco por rejeitar o negro. A ideia de supremacia dos homens de pele branca é tão forte e enraizada, que mesmo após a lei de libertação dos escravos os mesmos continuaram sendo vistos da mesma forma, mudando apenas um pouco seus direitos de liberdade individual.

O autor mostra que a cor da pele é um traço de grande força para a diferenciação de grupos raciais, mais do que os critérios ideológicos, religiosos, territoriais e identitários. Talvez pelo fato de ser o único que é extremamente explícito ao outro, entregando um *falar* a partir da imagem que esse outro tenha de determinada cor.

A identidade negra em *Ponciá Vicêncio*

O romance *Ponciá Vicêncio* traz um enredo *visceral*, escrito a partir das vivências e impressões da protagonista ao longo de sua vida. A narrativa retrata a história de uma mulher negra que enfrenta um processo de diáspora para encontrar sua identidade. Ao longo deste processo, ela trabalha como doméstica na cidade, casa, gera filhos e se percebe vazia, à espera de um encontro consigo mesma. Essa dispersão, no contexto da obra, é de importante ressalva, pois “[...] a procura da protagonista é a metáfora da diáspora, afinal, a formação de Ponciá passa pela história do navio negreiro, representação tão comum na literatura canônica e marcadamente frequente na literatura afro-brasileira” (ARRUDA, 2007, p. 17).

Ponciá percebe, após esse processo, que o mergulho que necessita para se reconhecer enquanto indivíduo, o encontro com aquilo que a identifica, é um mergulho dentro de si. Ou seja, a procura não está no externo – como ela passa bom tempo fazendo –, mas naquilo que a constitui a partir do que sua subjetividade fez com suas vivências, família e contexto social. A protagonista é representada como uma mulher forte, problematizadora de seu vazio, entretanto, mas que por alguns momentos se fragiliza diante da vida cansativa e recheada de tristezas.

A personagem é nascida e criada em um povoado de ex-escravos, moradores de uma fazenda onde trabalhavam no período de escravidão e que ali permaneceram, após a abolição, com seus descendentes por várias gerações. Com o passar do tempo, muitas

destas pessoas que continuaram vivendo no campo migraram para a cidade em busca de uma melhoria de vida e de trabalho, na tentativa de se inserir em um novo modelo de sociedade urbanizada. Porém, a recepção dos habitantes da cidade para com os que vinham do campo não é amistosa, assim, inicia-se, ou configura-se, mais marcadamente, um processo de segmentação social nas capitais do país. O romance mostra pontos basilares para se entender a formação da sociedade brasileira nessa época pós-escravatura.

Na narrativa há uma passagem que ilustra esse contexto, não de forma explicativa, mas através de um questionamento feito pelo pai de Ponciá. Certo momento, ele se interrogou sobre as humilhações que ainda tinha que passar com o sinhô-moço, o coronelzinho da fazenda onde moravam e trabalhavam: “Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares de trabalhos?” (EVARISTO, 2003, p. 14).

Fanon (2008), ao se referir à recepção da sociedade composta por pessoas de pele branca às pessoas de pele negra, afirma que a liberdade se mostrou muito mais teórica. A marca da cor da pele nesse contexto é crucial para uma designação dos lugares que serão ocupados na sociedade. Para o negro tudo era bem separado e diferenciado, porém não havia muitas explicações para tanto, o que parece causar na personagem uma falta de entendimento lógico sobre o que acontece com seu povo.

O povo da vila *Vicêncio*, em analogia, representa os negros que viveram no Brasil nesta mesma época, mas que tinham suas raízes históricas fortemente marcadas em África. A autora Aline Arruda, quando discute os significados atribuídos ao termo diáspora, coloca ainda uma extensão do sentido, citando Nei Lopes através da *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*: “o termo Diáspora serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram” (2004 *apud* ARRUDA, 2007, p. 37).

Quando Appiah (1997) fala sobre a *mensagem* que uma raça tem para passar à humanidade, ele evidencia um discurso por muitas vezes ocultado, mas que internamente sempre ecoou muito forte, como é o caso dos negros. A hierarquização biológica baseada no cientificismo coloca em primeiro lugar a raça branca, europeia etnocêntrica, provocando muitos prejuízos na vida dos negros, tanto africanos quanto americanos.

No romance em questão, a visão de mundo é explicitada a partir da ótica de Ponciá e a temática e a composição estrutural fazem parte, simbolicamente, das vivências da protagonista. O texto é um complexo de representações simbólicas, uma sequência de repetidas buscas, perdas e conquistas. Assim como a estrutura do tempo representa as interfaces da vida de Ponciá, esta personagem também é uma representação simbólica da caminhada feita por todas as gerações ao longo da história social de seus ancestrais. Segundo Aline Arruda, essa obra enquadra-se no subgênero da literatura romanesca do “romance de formação”, de forma parodiada:

O romance de formação feminino e negro de Conceição Evaristo transforma essa idéia de narrativa por tanto tempo estabelecida. Para isso utiliza de contornos paródicos através de recursos narrativos e formais que trazem para o romance suas marcas identitárias (ARRUDA, 2007, p. 37).

Ponciá tem uma ligação muito forte com seu avô e suas identidades, por vezes, se confundem, visto que a própria protagonista problematiza esta relação. Os dois personagens tiveram uma espécie de “morte em vida”, através de mutilações ocorridas em suas próprias histórias. O avô, ainda no tempo da escravidão, mutilou seu braço, o que o tornou uma pessoa sem serventia para o trabalho que exercia e, conseqüentemente, para o lugar onde morava que pertencia a seu patrão. Vale salientar que nesse contexto, o negro era valorizado a partir do que oferecia como serviço, portanto, Vô Vicêncio passou a ser um homem inútil. No caso de Ponciá, as perdas e mutilações passionais acumuladas causaram-lhe profundas cicatrizes e tristezas. A morte dos seus sete filhos, do avô e do pai; o casamento com um homem que lhe maltratava fisicamente e a separação de seu irmão e de sua mãe, tudo isso contribuiu para que ela não visse sentido na vida e na própria existência. Havia um vazio e um alheamento de si que parecia impossível de ser cessado.

A questão identitária de Ponciá não se configura, apenas, como um levantamento gerado pelo leitor, ou seja, no ambiente externo da narrativa. A protagonista tem em seu percurso de vida a busca de entendimento do que carrega como identidade. Conforme Arruda (2007), seu caminho é composto por representações, dentre elas: a viagem exaustiva de trem para chegar à cidade, parodiando o navio negreiro dos escravos africanos. Essa viagem que remonta a um passado escravagista de um povo com vivências em comum, não é lembrada diretamente pela personagem, porém, ela sabe

que algo lhe falta para sentir e se apropriar da identidade que lhe foi atribuída durante a vida a partir de seu povo, de sua pele.

Cada sujeito, portanto, carrega consigo, simbolicamente, todos os sofrimentos de gerações que (com)partilham uma memória-coletiva. Assim com expõe Arruda (2007), a memória é algo fundamental para ligação da ancestralidade com o presente. A identidade tanto individual como coletiva, se forma através desta memória que tece uma rede de lembranças históricas, agregando traços em comum, seja racial, de gênero ou de classe. De tal modo, o negro não é um negro, indefinidamente, mas sim um todo complexo de vivências, perpassando mensagens de suas experiências, conquistas e buscas ainda não alcançadas. O negro brasileiro carrega consigo o negro africano, o negro americano. E esse *carregar* não se traduz em si como uma lembrança consciente necessariamente, mas sim uma formação a partir de fragmentos miscigenados que criam um ser híbrido.

O sujeito *pós-moderno*, como é visto em Hall (2011), demonstra uma identidade flutuante, que transita e agrega outras identidades por ele absorvidas. A *diáspora africana* permanece na memória coletiva mesmo de forma simbolizada, a partir de acontecimentos que causam perdas e sofrimentos num grupo racial. Segundo Arruda, quando faz referência a Ricoeur (2000): “[...] a memória é erigida como critério de identidade e está a serviço da busca desta. É o que acontece com a protagonista Ponciá, que vive sua busca a partir da memória afrodescendente herdada de seus ancestrais, em especial de seu avô Vicêncio” (*apud* ARRUDA, 2007, p. 38).

Cronologicamente, Ponciá desde menina de colo já mostrava absorver características da identidade de seu Vô Vicêncio; quando menina, todavia, não se reconhecia a partir de sua própria identidade como indivíduo, mas tinha um apreço, um desejo, pela preservação de sua identidade enquanto mulher, colocando-se como uma pessoa feliz que gostava de estar naquele lugar onde vivia. Quando mulher feita, ela já havia rompido o momento anterior de sua vida, simbolizando no ditado do arco-íris um momento de transição para sua colocação no mundo.

O caminho de assimilação da herança identitária do avô por Ponciá cria questionamentos do que a leva a esta absorção, assim como do que consiste esta identidade. Vô Vicêncio perdera uma parte do braço, provocado por ele mesmo num ato de autoflagelação, e matara a sua esposa pela revolta da falsa libertação que lhe foi concedida, a mesma que os manteve eternamente em uma condição de subserviência.

Quando Ponciá incorpora a herança identitária “deixada” pelo avô, mesmo que não tivesse consciência desta herança, ela está, também, absorvendo a loucura do avô, que pode ser visto como um *avô* genérico, representando uma carga de memória histórico-social. A própria identificação do avô em todo o romance é uma referência a qualquer outro ancestral de seu povo, já que em nenhum momento da obra aparece o seu “primeiro” nome de identificação, usando apenas o Vicêncio. Sendo que este nome foi dado a todas as pessoas que nasceram e viveram naquele povoado, “herdando” impositivamente o nome do coronel Vicêncio, homem branco, patrão e dono da fazenda.

Com base nisto, o discurso presente “de pergunta e de procura” não pertence apenas à Ponciá e a seu povo, mas também a uma “raça”, um grupo de pessoas em comum, com identidades partilhadas e emaranhadas. A *identidade negra* que Ponciá carrega é cheia de identidades marcantes em sua memória-histórica, não necessariamente de forma consciente e racional. Pessoas que não puderam ser sujeitos, participando da vida na posição de objeto, devido a uma condição imposta pelas leis e valores sociais. A personagem em questão percorre sua trajetória na tentativa de ser sujeito e com isso descobre essa identidade coletiva, que a liga ao passado.

A obra comporta estruturas distintas que se montam uma dentro da outra. Evaristo (2003) situa a família de Ponciá e os principais personagens dessa história, estruturada no matriarcado até a geração da protagonista. Personagens como Nêngua Kainda e a mãe de Ponciá representam papéis cruciais para as gerações futuras, além de compartilharem sabedorias adquiridas na temporalidade e protagonizarem ações e pensamentos que guiam a família da personagem, incluindo o seu próprio povo. Deste modo, a criatividade e a resistência à opressão sofrida pelas mulheres nesse modelo de sociedade, infelizmente ainda presente, fizeram com que a história de vida de cada uma não estivesse limitada aos conceitos impostos socialmente.

Ponciá sai de sua terra de origem em busca de outra vivência, de outro destino, seguindo um caminho pré-fabricado ou normatizado pelo imaginário social de estruturação da mulher na sociedade-família. Ela torna-se mulher feita com aspirações e desejos, se interessa por um homem com quem não consegue partilhar suas inquietações existenciais, pois não há diálogos consistentes nessa relação, e casa-se com o mesmo, vivendo de maneira infeliz, emudecida, tanto para si como para o mundo, principalmente em relação a suas tristezas e sofrimentos. Ponciá logo se sente vazia, ou até invisível. Houve a busca de uma união afetiva na tentativa de um autoconhecimento

ou liberdade. Segundo Fanon (2008, p. 59), “No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável”.

Assim, todo este ciclo que a protagonista faz em torno de sua identidade, ou da procura dela, mostra que a sua comunidade, e ainda, a sua família (no sentido social de *família*) é a sua nação, o povo de pele negra, que teve em seus ancestrais escravizados a interdição subjetiva e social. O critério para *nação* deixa de ser territorial e burocrático, passa a fazer parte da composição identitária do indivíduo. Voltando para o que Appiah fala sobre a concepção de Du Bois referente à raça, que leva em conta o viés biológico de família, ver-se que aqui há uma antagonização a este conceito. A família (social) de Ponciá é sua nação, pois mesmo nascida e criada no território brasileiro, convivendo com a sociedade brasileira (de negros e brancos) não há uma identificação horizontal unificada com o modelo familiar e social que ela encontra quando chega à cidade.

Últimas considerações

Investigar como se identifica uma identidade negra, assim como sua relação com o conceito de raça, exposto por Appiah (1997), foi um dos pontos centrais desse trabalho. Apesar da discussão sobre identidade, no mundo contemporâneo, não parecer algo brando no âmbito crítico, me voltei para estes levantamentos a partir da leitura do romance de Conceição Evaristo. No presente estudo, senti a necessidade de construir uma ponte histórica que se conecta com a narrativa no campo simbólico. Essa estrutura de espelhamento do mundo é vista, segundo Arruda (2007), pela adequação da obra ao subgênero romanesco “romance de formação”. O leitor acompanha o herói desde sua infância até a idade adulta, passando por mudanças que incluem aventuras no enredo, até chegar a um final que aparenta concluir a trajetória da protagonista.

A identificação, e ligação direta, com a raça são de extrema importância para a investigação da identidade. Ponciá tem uma problemática interior referente a esta questão e guia sua vida para esta descoberta. Assim, ao longo deste trabalho, houve um aprofundamento do que está dentro dessas questões de coletividade referente ao indivíduo subjetivo. O hibridismo cultural faz parte do sujeito moderno, ao mesmo tempo em que este sujeito já transcende a modernidade com sua colocação identitária flutuante na contemporaneidade. Tudo isso foi aplicado à protagonista observando-a como um ser composto pela junção destas identidades que absorveu e que a faz

transitar, na concepção sociológica, cruzando em sua história a diáspora africana com a sua diáspora pessoal. No romance foi visto que a transgressão feminina se opõe ao patriarcalismo, apresentado como conceito social no início da obra por dizeres populares, visto que há uma desconstrução, nas práticas sociais, deste imaginário tradicional.

Apesar da complexidade que há em definir um pensamento conclusivo para o que consiste a *identidade negra*, é possível apontar que Ponciá consegue encontrar esta identidade na sua história. Tal identidade é composta por questões sociais, territoriais, políticas e econômicas que transgridem as questões subjetivas, mesmo sabendo que estas não podem ser esquecidas ou colocadas em segundo plano. No momento em que a herança do avô Vicêncio se cumpre na personagem, ela compreende seu lugar inserido naquele povo. A realização desta herança é vista quando Ponciá entende sua ligação junto a seu avô, vendo-o como um *elo* entre sua família e sua raça. A memória que se percebe mantida e perpetuada a faz querer construir uma ligação infinitamente cíclica, entre a menina e a mulher, e vice-versa.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARRUDA, Aline. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. 2007. 106 f. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira; Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.